

alameda

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

GRANDES PROJECTOS DA ARQUEOLOGIA PORTUGUESA

Conimbriga

Tongobriga

Mesas do Castelinho

Alcalar

Herdade dos Perdigões

Vale do Côa

O Povoado Tardo-Republicano
do Monte dos Castelinhos

Dinâmica Urbana
da zona ribeirinha de Faro

Minimizar em Arqueologia
um novo rumo?

IIª Série n.º 16
Dezembro 2008
10 euros



CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE ALMADA

Ao contrário da relativa facilidade na exequibilidade de um projecto de sondagens no planalto granítico, tal colocará outros desafios a cotas mais baixas nas margens do rio Côa, sobretudo nos locais afectados pelo referido enchimento de água. No entanto, as margens compreendidas entre o limite de acumulação artificial de água (Foz da Ribeira de Piscos) e a Penascosa, mais para montante, revelam condições potenciais de preservação arqueológica. A existência de depósitos arenosos na Quinta da Ervamoira e o conjunto artefactual identificado em 1996 no sítio do Colmeal, justificam por si só tal possibilidade. O processo de erosão das águas do Côa não parece ter actuado nas cotas mais altas destes depósitos aluviais, tendo possivelmente permitido uma conservação parcial mas satisfatória de registos sedimentares e arqueológicos.

Apesar de já ter sido possível estabelecer um quadro interpretativo para a ocupação do troço final do rio Côa durante o Paleolítico superior (AUBRY e SAMPAIO 2008 e no prelo), o mapeamento e estudo de possíveis sequências estratigráficas com ecofactos conservados nas suas margens, à semelhança do sítio de Fariseu, possibilitaria uma melhor caracterização das estratégias de ocupação e exploração deste território.

Bibliografia

- AUBRY 1998; 2001; 2002; 2006; no prelo.
 AUBRY e BAPTISTA 2000.
 AUBRY e MANGADO LLACH 2003a; 2003b.
 AUBRY e SAMPAIO 2003; 2008; no prelo.
 AUBRY *et al.* 2003; 2006; 2004; 2002.
 BAPTISTA e REIS 2008.
 BEDNARICK 1995.
 FABIÁN GARCIA 1986.
 GARCÍA DIEZ e AUBRY 2003.
 JORGE *et al.* 1981.
 MERCIER *et al.* 2006; 2001.
 VALLADAS *et al.* 2001.
 ZILHÃO 1995; 2003; 1997.
 ZILHÃO *et al.* 1995.

[ver referências desenvolvidas em Bibliografia final]



A Faia Brava: o Côa em ambiente granítico.

Foto: José Paulo Ruas

A Arte do Côa e o Ordenamento do Território

Luís Luís [PAVC, lluis.pavc@igespar.pt]

Paradigmático a vários títulos, o processo de identificação e preservação da arte rupestre do Vale do Côa, aliado às suas características próprias, teve igualmente repercussões ao nível da forma como compreendemos o património arqueológico na sua relação com o planeamento e ordenamento do território.

Salva a arte do Côa de um risco imediato, a sua protecção legal foi obtida através da classificação de um conjunto de sítios de arte e ocupação como Monumento Nacional (Decreto n.º 32/97, de 2 de Julho), seguida pelo reconhecimento pela UNESCO.

O preâmbulo daquele diploma defendia que este património “*deverá ser preservado na sua inserção natural*”, o que seguia o discurso da comunidade arqueológica: “*o monumento a preservar era o vale*”¹. Para além de proteger os painéis, era igualmente necessário preservar o território que os enquadra e lhes confere sentido.

Criado em Agosto de 1995, o Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC) existe apenas enquanto serviço dependente do Ministério da Cultura, sob a tutela de três institutos sucessivos, com a função de investigação, salvaguarda e gestão da fruição pública do património artístico do Baixo Côa.

A figura de Parque Arqueológico (PA), enquanto entidade gestora de um território, não existia ainda no ordenamento jurídico nacional. Iniciou-se então um processo em que uma realidade arqueológica andou à frente e influenciou a construção do edifício legal².

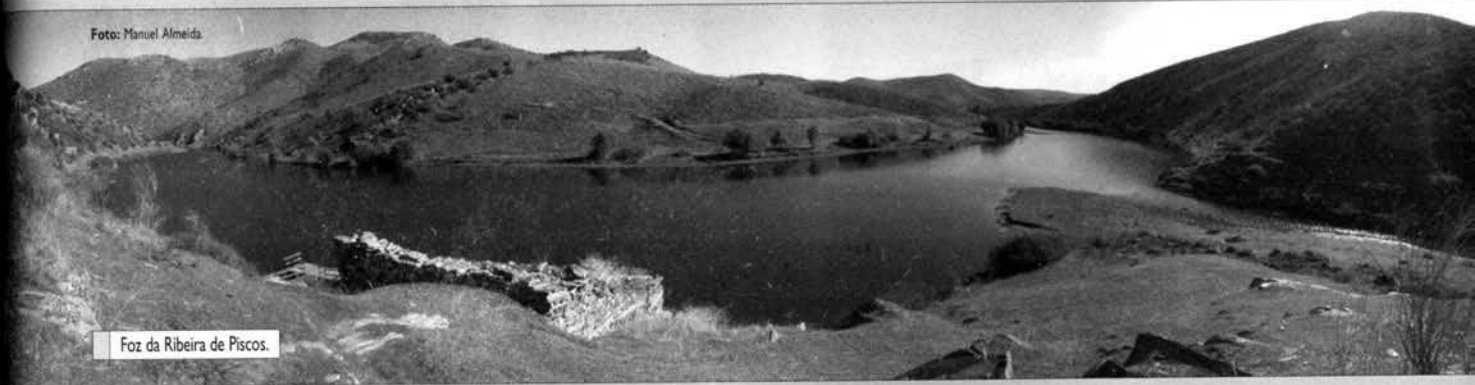
Num primeiro momento, suspenderam-se, pelo prazo de dois anos, os Planos Directores Municipais dos concelhos de Vila Nova de Foz Côa, Pinhel, Figueira de Castelo Rodrigo e Meda, numa área de cerca de 200 km², em torno dos núcleos de arte (Decreto-Lei n.º 50/99, de 16 de Fevereiro). Foi assim criado de facto o território do PAVC, que ficava sujeito a um conjunto de medidas preventivas.

Apesar de prorrogado por seis meses (Decreto-Lei n.º 95/2001, de 23 de Março), o prazo desta suspensão cessou sem que a figura legal de PA tivesse sido criada. Só com a publicação da Lei n.º 107/2001, de 8 de Setembro, do Património cultural, se definiu a figura de PA como “*qualquer monumento, sítio ou conjunto de sítios arqueológicos de interesse nacional, integrado num território envolvente marcado de forma significativa pela intervenção humana passada, território esse que integra e dá significado ao monumento, sítio ou conjunto de sítios*” (n.º 4 do art. 74.º).

¹ JORGE 1995: 665-670 (para desenvolvimento desta e de outras referências, ver Bibliografia final); ZILHÃO 1998.

² PAU-PRETO e LUÍS 2003; LUÍS 2008b: 57-58 e 62.

Foto: Manuel Almeida



Foz da Ribeira de Piscos.

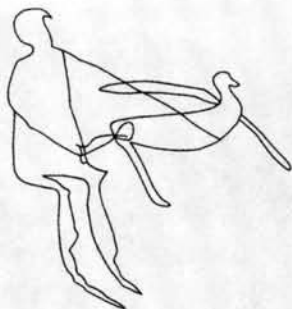


Fig. 18 – Cena de sexo na rocha 3 de Vale de Cabrões.
Altura máxima das figuras: 9 cm.

Todas estas reflexões levam-nos a considerar que a estratificação social destas sociedades poderia ser de tipo senhorial, o que é evidentemente de difícil confirmação.

Esperemos que num futuro próximo possamos aprofundar estas ideias a partir da análise arqueológica dos muitos painéis gravados deste período que já são conhecidos no Baixo Côa.

5. Gravuras rupestres de épocas recentes

As gravações de tempos históricos (séculos XVII-XX) encerram os ciclos rupestres do Côa. Também elas quase que só centradas entre a Canada do Inferno e a Foz do Côa (embora haja interessantes motivos, por exemplo, em Piscos), estas gravuras mais recentes devem-se fundamentalmente aos moleiros. Elas reflectem os seus horizontes ideológico-religiosos, gravando-se temas sagrados (cruzeiros, cruzes, custódias, inscrições ao Santíssimo Sacramento, uma interessantíssima gravura do culto do Menino Jesus da Cartolinha...), até datas, nomes, comboios, barcos... e até o castelo de Guimarães com cenas de luta entre o rei de Portugal, Afonso Henriques, e o rei de Castela, cenas gravadas seguramente na sequência do ano dos centenários (1940) e das influências nacionalistas dos tempos do Estado Novo. O senhor António Seixas, autor de algumas destas gravuras na Canada do Inferno, foi um dos últimos gravadores do Côa (antes da sua descoberta arqueológica) e seguramente um dos raros a quem se pode dar nome.

Alguna bibliografia fundamental

- AUBRY 2002.
AUBRY e SAMPAIO 2008.
AUBRY *et al.* 2006.
BAPTISTA 1983; 1999; 2000; 2003; 2008; 2009.
BAPTISTA e GARCIA DIEZ 2002.
BAPTISTA e REIS 2008; no prelo.
BAPTISTA *et al.* 2006; 2008.
CARDOSO 1994.
JORGE 1995.
LEMONS 1994.
SANTOS 2008.
ZILHÃO 1995; 1997.

[ver referências desenvolvidas em Bibliografia final]

O n.º 7 do art. 75.º definia ainda que “com vista a assegurar o ordenamento e a gestão dos parques arqueológicos, [...] a administração do património arqueológico competente deve, nos termos da lei, elaborar um plano especial de ordenamento do território”.

A forma de criação e gestão deste plano foram deixadas para definir em legislação de desenvolvimento, concretizada no Decreto-Lei n.º 131/2002, de 11 de Maio.

É curioso notar que o Plano de Ordenamento de Parque Arqueológico (POPA) não foi entretanto adicionado aos outros tipos de Planos Especiais de Ordenamento do Território no decurso das reformulações do Decreto-Lei n.º 399/99, que continuam mais dedicados a valores naturais³, ficando o património arqueológico remetido para o art. 15.º, em cujos instrumentos de gestão não figura o POPA. Esta desatenção do legislador não invalidará o articulado na Lei n.º 107/2001, desenvolvido no Decreto-Lei n.º 131/2002.

No cumprimento deste, a Proposta de Criação do PAVC foi apresentada em Setembro de 2004. O inquérito público decorreu entre Fevereiro e Março de 2005, do qual foi redigido um

relatório, cujo parecer afirma estarem reunidas todas as condições legais para a criação do Parque. Este relatório foi homologado a 18 de Novembro de 2005 pela então Ministra da Cultura, e só a existência de outras prioridades políticas poderá explicar que, no final de 2008, não tenha ainda sido publicado o decreto regulamentar do PAVC. O POPA deverá ser publicado dois anos após a data desta publicação, existindo já estudos para o efeito.

Será um instrumento fundamental na gestão deste património mundial, numa região que sofre hoje uma forte pressão pela expansão da área cultivada de vinha. Enquanto tal não acontece, a estratégia do PAVC tem sido propor a classificação de novos núcleos de arte, que a prospeccção continua a evidenciar, e definir Zonas de Protecção Especial dos núcleos já classificados.

³ Os únicos PEOT referidos continuam a ser os planos de ordenamento de áreas protegidas, de albufeiras de águas públicas, da orla costeira e dos estuários (alínea c do n.º 2 do art. 2.º e n.º 3 do art. 42.º do Decreto-Lei n.º 151/95, de 24 de Julho, na versão que lhe foi dada pelo Decreto-Lei n.º 316/2007, de 19 de Setembro).

perspectivas futuras na Conservação da Arte do Côa

António Pedro Batarda Fernandes [PAVC]

A conservação de arte rupestre ao ar livre é uma disciplina pouco desenvolvida, existindo um número limitado de referências sobre o assunto. Assim, o Vale do Côa terá de se constituir como o laboratório “vivo” onde métodos de intervenção conservativa, bem como de monitorização da evolução das dinâmicas erosivas em acção, terão de ser investigados.

O Programa de Conservação do PAVC vem desenvolvendo há já oito anos um trabalho metódico com o objectivo de compreender todo o contexto natural de conservação da arte rupestre do Vale do Côa. Das acções que têm vindo a ser desencadeadas destacamos a experimentação prévia de intervenções de conservação em afloramentos não gravados (FERNANDES 2004 e 2008 – ver Bibliografia final).

Contudo, tendo em conta o grande número conhecido de afloramentos gravados e a escassez de recursos disponíveis, é fundamental a criação de um método adequado de avaliação sistemática do estado de conservação dos afloramentos, que possa estabelecer prioridades nas

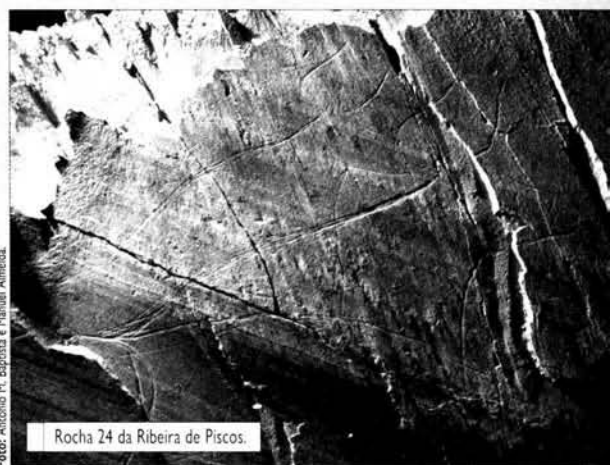


Foto: António M. Baptista e Manuel Almeida

Rocha 24 da Ribeira de Piscos.

futuras acções de conservação a implementar. Entre os factores que a analisar, podemos mencionar a inclinação e orientação das encostas onde os afloramentos se encontram, sua situação microclimática, colonização biológica ou os complexos processos erosivos em acção.

Por forma a executar este projecto, o signatário iniciou em Fevereiro de 2008 um curso de Doutoramento na Universidade de Bournemouth, sob a orientação do Professor Timothy Darvill e com apoio do Programa de Bolsas da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Dinamização Cultural Junto da Comunidade

Jorge Davide Sampaio e Rosa Jardim [PVC]

No âmbito dos objectivos do Parque Arqueológico do Vale do Côa (PVC), e para além do obrigatório cumprimento das medidas de protecção, conservação e divulgação do património arqueológico, têm sido desenvolvidas nos últimos anos acções tendentes à promoção cultural na sua área de abrangência. Com a realização de tais acções, pretendeu-se acima de tudo efectivar uma ligação das populações e agentes culturais locais aos valores patrimoniais, no caso concreto o importante legado artístico paleolítico classificado como Património da Humanidade.

Neste sentido, tem sido hábito aproveitar duas efemérides: Agosto, data em que o PVC foi criado, e a classificação da arte do Côa como Património da Humanidade, que ocorreu em Dezembro. Em ambas, por períodos que se estendem por uma ou duas semanas, têm sido levadas a cabo actividades não só relacionadas com a arte rupestre e a Arqueologia, como também a promoção de eventos musicais, entre outros associados aos produtos regionais, dos quais têm merecido destaque a vinha e o vinho. Aliás, no âmbito destas comemorações, tem-se procurado uma associação entre ambos os patrimónios da Humanidade que se fundem no Côa: a milenar Arte Rupestre e o Douro Vinhateiro, procurando-se também associar público visitante e comunidades residentes.

No sentido de proporcionar uma maior ligação das populações em todo o Vale do Côa e Distrito da Guarda, no qual o PVC se insere, com a arte rupestre e o património arqueológico, foi concebida, em parceria com a Câmara Municipal da Guarda, uma exposição itinerante sobre a Arte e a Arqueologia do Vale do Côa ("A Arte que o Côa Guarda"). Inaugurada na capital de Distrito, passou já pelo Sabugal, Vila Nova de Foz Côa, Celorico da Beira e Tranco-

so. Esteve também patente ao público em Braga, no âmbito da inauguração do remodelado Museu D. Diogo de Sousa. Esta exposição serve de palco a oficinas e actividades educativas destinadas essencialmente a um público escolar, bem como a palestras para o público em geral. As câmaras municipais e as escolas marcam as oficinas e actividades que pretendem, tendo sido possível aos técnicos do Parque, em cada uma das localidades, realizar actividades com largas centenas de crianças.

Em parceria com entidades locais e regionais (câmaras municipais, juntas de freguesia e associações de defesa do património e do ambiente),

o PVC tem também vindo a colaborar na criação de centros de interpretação e acolhimento, designadamente nas freguesias de Cidadelhe (Pinhel), Algodres (Figueira de Castelo Rodrigo) e Fóios (Sabugal).

Uma outra linha de actuação é a articulação com Siega Verde e a procura de uma maior ligação ao público do outro lado da raia. Neste contexto foi inaugurada recentemente uma exposição conjunta com a Junta de Castilla y León, subordinada ao tema da arte rupestre paleolítica ao ar livre, incluindo os sítios do Vale do Côa e de Siega Verde.



Oficina de Arqueologia experimental realizada na Guarda, no âmbito da Exposição "A Arte Que o Côa Guarda" (promovida pela Câmara Municipal da Guarda em colaboração com o PVC).

Bibliografia geral

- AUBRY, T. (1998) – "Olga Grande 4: uma sequência do Paleolítico superior no planalto entre o Rio Côa e a Ribeira de Aguiar". *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1 (1): 5-26.
- AUBRY, T. (2001) – "L'Occupation de la Basse Vallée du Côa Pendant le Paléolithique Supérieur". *Trabalhos de Arqueologia*. 17: 253-273 (Actas do Colóquio "Les Premiers Hommes Modernes de la Péninsule Ibérique", V. N. Foz Côa, 22-24 Out. 1998).
- AUBRY, T. (2002) – "Le Contexte Archéologique de l'Art Paléolithique à l'Air Libre de la Vallée du Côa". In SACCHI, D. (ed.). *L'Art Paléolithique à l'Air libre. Le paysage modifié par l'image*. Carcassonne: Groupe Audois d'Études Préhistoriques, pp. 25-38 (Actes du Colloque, Tautavel-Campôme, 7-9 octobre 1999).
- AUBRY, T. (2006) – "Vallée du Côa: un art préhistorique unique". *Archéologia*. 436: 62-71.
- AUBRY, T., coord. (no prelo) – *200 Séculos da História do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas paleolíticos*.
- AUBRY, T. e BAPTISTA, A. M. (2000) – "Une Datation Objective de l'Art du Côa". *La Recherche*. Hors Série. 4 (nov. 2000): 54-55.
- AUBRY, T. e MANGADO LLACH, J. (2003b) – "Modalidades de Aproveitamento em Matérias-Primas Líticas nos Sítios do Paleolítico Superior do Vale do Côa: dos dados à interpretação". In MATEUS, J. E. e MORENO-GARCIA, M. (eds.). "Paleoecologia Humana e Arqueociências: um programa multidisciplinar para a Arqueologia sob a tutela da Cultura". *Trabalhos de Arqueologia*. 29: 340-342.
- AUBRY, T. e MANGADO LLACH, X. (2003a) – "Interprétation de l'Approvisionnement en Matières Premières Siliceuses sur les Sites du Paléolithique Supérieur de la Vallée du Côa (Portugal)". *Préhistoire du Sud-Ouest. Supplément*. 5: 27-40 (Actes de la Table Ronde d'Aurillac "Les Matières Premières Lithiques en Préhistoire", 20-23 Jun. 2002).
- AUBRY, T. e SAMPAIO, J. D. (2003) – "Remontagem de Rochas Termo-Alteradas: um meio de reconstrução dos modos de funcionamento de estruturas de combustão no sítio de Olga Grande 4 (Almendra, Vila Nova de Foz Côa)". In MATEUS, J. E. e MORENO-GARCIA, M. (eds.). "Paleoecologia Humana e Arqueociências: um programa multidisciplinar para a Arqueologia sob a tutela da Cultura". *Trabalhos de Arqueologia*. 29: 331-335.
- AUBRY, T. e SAMPAIO, J. D. (2008a) – "Fariseu: cronologia e interpretação funcional do sítio". In SANTOS, A. T. e SAMPAIO, J. (eds.). *Pré-História: gestos intemporais*. Porto: ACDR de Freixo de Numão. Vol. 1, pp. 7-30 (III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior: actas das sessões).
- AUBRY, T. e SAMPAIO, J. D. (2008b) – "Fariseu: new chronological evidence for open-air Palaeolithic art in the Côa valley (Portugal)". *Antiquity*. York. 82 (316). Disponível em <http://www.antiquity.ac.uk/ProjGall/aubry/index.html> (citado em 3 de Junho de 2008).

Foto: PVC

- AUBRY, T. e SAMPAIO, J. D. (no prelo) – “Chronologie et Contexte Archéologique des Gravures Paléolithiques de Plein Air de la Vallée du Côa”. In *Actas do Curso de Arte Rupestre al Aire Libre. Investigación, protección, conservación y difusión* (Salamanca, 15-17 Jun. 2006).
- AUBRY, T.; CHAUVIERE, F. X.; MANGADO LLACH, X. e SAMPAIO, J. D. (2003) – “Constitution, Territoires d'Approvisionnement et Fonction des Sites du Paléolithique Supérieur de la Basse Vallée du Côa”. In VASIL'EV, S. A.; SOFFER, O. e KOZLOWSKI, J. (eds.). “Perceived Landscapes and Built Environments: The cultural geography of Late Paleolithic Eurasia”. *BAR* S1122, pp. 83-92 (Acts of the XIVth UISPP Congress, University of Liège, Belgium, 2-8 September 2001).
- Aubry, T.; Luís, L. e SAMPAIO, J. D. (2006) – “Primeira Datação Absoluta para a Arte Paleolítica ao Ar Livre. Os dados do Fariseu (Vila Nova de Foz Côa)”. *Al-Madan*. 1ª Série. 14: 48-52.
- AUBRY, T.; MANGADO LLACH, X.; FULLOLA, J. M.; ROSSEL, L. e SAMPAIO, J. D. (2004) – “The Raw Material Procurement at the Upper Palaeolithic Settlements of the Côa Valley (Portugal): new data concerning modes of resource exploitation in Iberia”. In “The Use of Living Space in Prehistory”. *BAR International Series*. 1224, pp. 37-50 (papers from a session at the EAA 6th Annual Meeting, Lisbon 10-17 Sep. 2000).
- AUBRY, T.; MANGADO LLACH, X.; SELLAMI, F. e SAMPAIO, J. D. (2002) – “Open-air Rock-art. Territories and modes of exploitation during the Upper Paleolithic in the Côa Valley (Portugal)”. *Antiquity*. 76 (291): 62-76.
- BAPTISTA, A. M. (1983) – “O Complexo de Gravuras Rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa)”. *Arqueologia*. Porto. 8: 57-69.
- BAPTISTA, A. M. (1999) – *No Tempo Sem Tempo. A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa. Com uma perspectiva dos ciclos rupestres pós-glaciares*. Vila Nova de Foz Côa: PAVC.
- BAPTISTA, A. M. (2000) – “Procés de Foz Côa (Portugal). História i arqueologia”. *Cota Zero*. 16: 96-110.
- BAPTISTA, A. M. (2003) – “Fauna Plistocénica na Arte Rupestre do Vale do Côa”. *Tribuna da Natureza*. Porto. 4 (13): 14-20.
- BAPTISTA, A. M. (2008) – “Aspectos da Arte Magdalense e Tardi-Glacial no Vale do Côa”. In *Actas do IV Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior* (2007). Vila Nova de Foz Côa. Vol. 1, pp. 14-31.
- BAPTISTA, A. M. (2009) – *O Paradigma Perdido. O Vale do Côa e a arte paleolítica de ar livre em Portugal / Paradigm lost. Côa Valley and the open-air palaeolithic art in Portugal*. Porto: Edições Afrontamento / PAVC.
- BAPTISTA, A. M. e GARCÍA DIEZ, M. (2002) – “L'Art Paléolithique dans la Vallée du Côa (Portugal). La symbolique dans l'organisation d'un sanctuaire de plein air”. In SACCHI, D. (ed.). *L'Art Paléolithique à l'Aire libre. Le paysage modifié par l'image*. Carcassonne: Groupe Audois d'Études Préhistoriques, pp. 187-205.
- BAPTISTA, A. M. e GOMES, M. V. (1998) – “Arte Rupestre”. In ZILHÃO, J. (ed.). *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa: trabalhos de 1995-1996*. Lisboa: Ministério da Cultura, pp. 211-409.
- BAPTISTA, A. M. e REIS, M. (2008) – “Prospecção de Arte Rupestre na Foz do Côa. Da iconografia do Paleolítico superior à do nosso tempo, com passagem pela 1ª Idade do Ferro”. In SANTOS, A. T. e SAMPAIO, J. (eds.). *Pré-História: gestos intemporais*. Porto: ACDR de Freixo de Numão. Vol. 1, pp. 62-95.
- BAPTISTA, A. M. e REIS, M. (no prelo) – “Prospecção de Arte Rupestre no Vale do Côa e Alto Douro Portugueses: ponto da situação”. In BALBIN BEHRMANN, R. e BAPTISTA, A. M. (eds.). *Actas do Curso de Arte Rupestre al Aire Libre. Investigación, protección, conservación y difusión*. Salamanca.
- BAPTISTA, A. M.; SANTOS, A. T. e CORREIA, D. (2006) – “Da Ambiguidade das Margens na Grande Arte de Ar Livre no Vale do Côa: reflexões em torno da organização espacial do santuário Gravetto-Solutrense na estação da Penascosa/Quinta da Barca”. *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa. 8: 156-184.
- BAPTISTA, A. M.; SANTOS, A. T. e CORREIA, D. (2008) – “Estruturação Simbólica da Arte Gravetto-Solutrense em Torno do Monte do Fariseu (Vale do Côa)”. In SANTOS, A. T. e SAMPAIO, J. (eds.). *Pré-História: gestos intemporais*. Porto: ACDR de Freixo de Numão. Vol. 1, pp. 38-61.
- BEDNARICK, R. (1995) – “The Côa Petroglyphs: an obituary to the stylistic dating of Palaeolithic rock-art”. *Antiquity*. 69: 877-882.
- CARDOSO, José (1994) – *A Geografia da Ibéria Segundo Estrabão*. Edições APPACDM Distrital de Braga.
- CARVALHO, A. F. (2003) – “O Final do Neolítico e o Calcolítico no Baixo Côa (Trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa, 1996-2000)”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6 (2): 229-273.
- CARVALHO, A. F. (2004) – “O Povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de Foz Côa) e o Início da Idade do Bronze no Baixo Côa (Trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa)”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7 (1): 185-219.
- CRUZ, D. J. da (1998) – “Expressões Funerárias e Culturais no Norte da Beira Alta”. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 8: 149-166 (Actas do Colóquio “A Pré-História na Beira Interior”, Tondela, Nov. 1997).
- FABIÁN GARCIA, J. F. (1986) – “La Industria Lítica del Yacimiento de la Dehesa en El Tejado de Béjar (Salamanca). Una industria de tipología magdalense en la Meseta”. *Numentia*. 2: 101-143.
- FERNANDES, António Pedro Batarda (2004) – “O Programa de Conservação do Parque Arqueológico do Vale do Côa: filosofia, objectivos e acções concretas”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7 (1): 5-37.
- FERNANDES, António Pedro Batarda, ed. (2008) – *A Arte da Conservação: técnicas e métodos de conservação em arte rupestre*. Porto: ACDR de Freixo de Numão. Vol. 2 (3º Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior: actas).
- GARCÍA DIEZ, M. e AUBRY, T. (2003) – “Grafismo Mueble en el Valle de Côa (Vila Nova de Foz Côa, Portugal): la estación arqueológica de Fariseu”. *Zephyrus*. 55: 157-182.
- GARCÍA DIEZ, M. e LUÍS, L. (2002-03) – “José Alcino Tomé e o Último Ciclo Artístico Rupestre do Vale do Côa: um caso de etnoarqueologia”. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 10-11: 199-223.
- JORGE, S. O. e RUBINOS, A. (2002) – “Absolute Chronology of Castelo Velho de Freixo Numão (Northem Portugal): data and problems”. *Journal of Iberian Archaeology*. Lisboa. 4: 83-105.
- JORGE, S. O.; JORGE, V. O.; ALMEIDA, C. A. F. de; SANCHES, M. J. e SOEIRO, M. T. (1981) – “Gravuras Rupestres de Mazouco (Freixo de Espada-à-Cinta)”. *Arqueologia*. Porto. 3: 3-12.
- JORGE, V. O., coord. (1995) – “Dossier Côa”. *Separata especial de Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 35 (4). Porto: SPAE.
- LEMOES, F. S. (1994) – “Dossier Côa. I: o relatório de impacto patrimonial (1989)”. *Forum*. Braga. 15-16: 141-156.
- LUÍS, L. (2005) – “Arte Rupestre e Ocupação Humana no Vale do Côa: balanço da investigação no Parque Arqueológico do Vale do Côa”. *Côavisão*. V. N. Foz Côa. 7: 31-60 (Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior).
- LUÍS, L. (2008a) – *A Arte e os Artistas do Vale do Côa*. Vila Nova de Foz Côa: PAVC / Ass. Mun. Vale do Côa.
- LUÍS, L. (2008b) – “A Construção da Carta Arqueológica do PAVC: a sua importância para a investigação e gestão do património do Vale do Côa”. In LUÍS, L. e PINTO, M. (eds.). *Investigar e Valorizar o Património*. Porto: ACDR de Freixo de Numão. Vol. 2, pp. 52-63 (Fórum Valorização e Promoção do Património Regional: actas das sessões).
- MERCIER, N.; VALLADAS, H.; AUBRY, T.; ZILHÃO, J.; JORONS, J.-L.; REYSS, J.-L. e SELLAMI, F. (2006) – “Fariseu: first confirmed open-air Palaeolithic parietal art site in the Côa Valley (Portugal)”. *Antiquity*. York. 80 (310). Disponível em <http://antiquity.ac.uk/ProjGall/mercier/index.html> (citado em 25 de Setembro de 2006).
- MERCIER, N.; VALLADAS, H.; FROGE, L.; JORON, J.-L.; REYSS, J.-L. e AUBRY, T. (2001) – “Application de la Méthode de la Thermoluminescence à la Datation des Occupations Paléolithiques de la Vallée du Côa”. *Trabalhos de Arqueologia*. 17: 275-280 (Actas do Colóquio “Les Premiers Hommes Modernes de la Péninsule Ibérique”, V. N. Foz Côa, 22-24 Out. 1998).
- MONTEIRO-RODRIGUES, S.; FIGUEIRAL, I. e LÓPEZ SÁEZ, J. A. (2008) – “Indicadores Paleoambientais e Estratégias de Subsistência no Sítio Pré-Histórico do Prazo (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa, Norte de Portugal)”. In SANTOS, A. T. e SAMPAIO, J. (eds.). *Pré-História: gestos intemporais*. Porto: ACDR de Freixo de Numão. Vol. 1, pp. 96-119.
- PAU-PRETO, F. e LUÍS, L. (2003) – “Plano de Ordenamento de Parque Arqueológico: uma nova figura de planeamento”. *Planeamento: Revista de Urbanismo e Ordenamento do Território*. Aveiro. 1: 73-79.
- SANTOS, A. T. (2008) – “O Vale do Côa: o Homem que o criou e o outro que ainda o vive”. In *Fórum Valorização e Promoção do Património Regional*. Vol. 3, pp. 6-11.
- VALLADAS, H.; MERCIER, N.; FROGET, L.; JORONS, J.-L.; REYSS, J.-L. e AUBRY, T. (2001) – “TL Dating of Upper Palaeolithic Sites in the Côa Valley (Portugal)”. *Quaternary Science Reviews*. 20 (5-9): 939-943.
- ZILHÃO, J. (1995) – “The Age of the Côa Valley (Portugal) Rock Art: validation of archaeological dating to the Palaeolithic and refutation of ‘scientific’ dating to historic or proto-historic times”. *Antiquity*. 69 (266): 883-901.
- ZILHÃO, J. (1998) – “The Rock Art of the Côa Valley, Portugal: Significance, Conservation and Management”. *Conservation and Management of Archaeological Sites*. 2 (4): 193-206.
- ZILHÃO, J. (2003) – “Vers une Chronologie Plus Fine du Cycle Ancien de l'Art Paléolithique de la Côa: quelques hypothèses de travail”. In BALBIN, R. e BUENA RAMÍREZ, P. (eds.). *El Arte Prehistórico Desde los Inicios del Siglo XX: primer symposium internacional de arte prehistórico de Ribadesella*. Ribadesella: Asociación Cultural Amigos de Ribadesella, pp. 75-90.
- ZILHÃO, J., coord. (1997) – *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996. Relatório científico ao Governo da República Portuguesa elaborado nos termos da Resolução do Conselho de Ministros n.º 4/96, de 17 de Janeiro*. Lisboa: Ministério da Cultura.
- ZILHÃO, J.; AUBRY, T.; CARVALHO, A. Faustino de; ZAMBUJO, G. e ALMEIDA, F. (1995) – “O Sítio Arqueológico Paleolítico do Salto do Boi (Cardina, Santa Comba, Vila Nova de Foz Côa)”. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 35 (4): 471-485 (Actas do Iº Congresso de Arqueologia Peninsular).